

### O CANTEIRO DE ESTREMOZ

— Quando se pensa que está tudo previsto neste mundo, comete-se o maior erro de julgamento que se pode praticar. Por mais aparelhos que se inventem, por mais contas que se façam e por melhores e mais bem organizados que sejam os dados estatísticos, fica sempre uma margem de imprevisto e de acaso que destrói todos os cálculos. A verdade é que quando saio de casa, com destino certo, nunca sei bem onde vou parar: se ao hospital, se à cadeia, se aos braços macios e inesperados de uma mulher... E não é que eu seja um aventureiro. Muito pelo contrário. Tudo em mim é previsto e regulado. Planeio sempre, calculadamente, o que vou fazer, faço todas as previsões e, na verdade, tudo acontece na maior parte das vezes como eu supunha que iria acontecer. Mas isto não anula, de forma alguma, o mistério que plana sobre a vida. E é nessa altura que a monotonia se rompe — a monotonia que confere segurança à natureza humana, mas que, na verdade, a diminui e vulgariza.

Diogo Tavares calou-se à espera que o contradissem. Todos o conhecíamos ou pensávamos conhecê-lo. E todos o apreciávamos na medida em que o egoísmo exacerbado pelas preocupações quotidianas nos permitia apreciar alguém. Era inteligente e corajoso, mas com qualquer coisa de desconcertante que não nos consentia entrar na sua verdadeira intimidade. Dele sabíamos o que contava de si próprio, na realidade muito pouco para se conhecer bem uma pessoa.

Como ninguém levantasse a «deixa», Diogo Tavares prosseguiu:

— Quase toda a gente imagina (menos eu) que a vida não organiza histórias e que é necessário o engenho e o talento de um escritor para estabelecer uma relação lógica entre os acontecimentos que, no fundo, nada têm que ver uns com os outros. Como sabem, não sou escritor nem pretendo sê-lo. Formei-me, por acaso, em Letras — o que me deu um certo gosto por elas —, mas desde logo me apercebi que o meu destino não era esse, mas o de andar pelos caminhos do mundo como era tradicional na minha família. Meu bisavô foi almocreve. Meu avô — pai de meu pai —, que ainda conheci porque morreu quando eu tinha doze anos, era feirante. E meu pai, esse mais sedentário, e mais instruído, fixou-se à terra e dela tirou todo o proveito que alguém pode tirar se conhecer, como ele conhecia, as suas escassas mas permanentes virtualidades. Tornou-se assim um grande proprietário, o que, vamos lá, lhe permitiu, como ele ambicionava, em pura perda, ter um filho doutor. Mas nem por isso deixou de seguir o feitiço ambulatório da família. De vez em quando, sem dar qualquer explicação e sem dizer para onde ia, fazia a mala e ia viajar. «Devo voltar entre o dia tal e o dia tal. Se eu não vier», dizia ele à minha mãe, que ficava transida, «lê a carta que está no cofre e procede em conformidade.» Minha mãe supunha, com desespero e consolação (porque preferia que ele estivesse acompanhado do que só), que ele tinha outra mulher. Por mim, penso que não e que apenas pretendia evadir-se da monotonia vegetal e familiar da sua vida quotidiana. Foi assim até ao final e morreu descansadamente na sua cama, junto da mulher e do filho, sem que nunca tivesse sido aberta a carta lacrada que ainda hoje se conserva no mesmo cofre como um documento sagrado. Eu, na verdade, sou o que penso que sou, o que os outros pensam que sou e o que realmente sou... A minha formatura abria-me vários caminhos, mas nunca me utilizei deles. Odiei sempre as formas burocráticas da vida e preferi conservar-me lavrador e fazer-me industrial de madeiras, sem contudo esquecer que a vida real está mais no que os escritores contam nos seus livros

do que naquela que pensamos viver. Isso me deu a margem de sonho suficiente para não apodrecer de tédio. E, parecendo que não, sigo o destino tradicional da minha família — o de percorrer, todas as vezes que posso, os caminhos do mundo, apenas com uma diferença: meu bisavô andava a pé levando pela arreata um macho carregado de alforges; meu avô, de diligência; meu pai, de comboio, e eu de automóvel e de avião. Meu bisavô contava histórias de lobos que lhe saíam ao caminho, meu avô falava de ladrões que assaltavam as diligências, meu pai, de poucas palavras, tinha no seu activo um grande descarrilamento; quanto a mim, apenas posso assegurar, por experiência própria e vivida, que por mais coisas que os homens descubram — e têm descoberto muitas — um grande e insondável mistério envolve a existência humana.

Diogo Tavares calou-se. Estávamos todos — meia dúzia de amigos e conhecidos — em casa de um amigo comum. Tínhamos vindo de uma «ferra» e de um almoço ao ar livre e fatigados, embora interessados, nenhum de nós se atrevia a incitá-lo a comprovar o seu asserto.

— Tenho pena — disse o dono da casa — que tu não escrevas. Algumas das tuas histórias eram dignas de ser registadas. Mas há uma, aquela que tu nunca contaste mas a que te tens referido com uma certa emoção, que eu, que nós todos gostávamos de ouvir... Lembro-me que chegaste aqui no dia seguinte verdadeiramente impressionado. Contudo, por mais esforços que eu fizesse, não te arranquei uma palavra. Hoje, porém, que estás *descontraído* e que já se passou algum tempo sobre isso, talvez fosse a ocasião...

Diogo Tavares olhou-nos fixamente um por um. Parecia querer avaliar se, de entre nós, haveria algum que, por qualquer motivo, não fosse digno das suas confidências. O exame resultou favorável e de repente os seus olhos, de um azul quase mortiço, adquiriram o brilho intenso e quase hipnótico dos momentos de exaltação.

— Antero — disse ele, dirigindo-se ao dono da casa. — Tens razão e vou fazer-te a vontade. Faço-o, porém, mais por mim do que por ti. Ninguém pode guardar verdadeiramente um segredo e aí daquele que se não liberta dos seus fantasmas.

Esta história anda a sacolejar dentro de mim como aquela peça que se desprendeu num navio de guerra no tempo de Napoleão e que aos poucos foi destruindo o barco todo, como refere Vítor Hugo num dos seus romances. E certas concepções que eu tinha sobre a morte e a vida e sobre o destino dos homens já foram atingidas por ela. Tudo acabou bem, mas a intensidade dramática daquele momento nunca mais se desvaneceu. Todos nós — creio — já estivemos em presença da morte, por via de um acidente, ou de uma doença grave ou de uma circunstância qualquer. A vida é sempre um milagre em face da agressão das forças naturais e admiro-me, muitas vezes, como há gente viva neste mundo e, ao que parece, segundo as estatísticas, cada vez mais.

»Mas o que se passou comigo foi diferente: a sensação que tive nesse momento — sensação terrível e eufórica ao mesmo tempo — foi a de que a fronteira entre a vida e a morte se tinha desvanecido completamente e que tudo dependia de um gesto meu, de uma atitude, de uma palavra, em suma: exclusivamente de mim. Estou convencido de que nunca o destino de um homem se identificou com ele como o meu destino se identificou comigo naqueles cinco minutos que valeram por um século de existência. E não só o meu destino, mas até o destino do outro, do outro que só poderia salvar-se se eu me salvasse também.

Senti um arrepio, como todos os que o ouviam, e de repente aquela sensação a que ele se referia apossou-se de todos. Houve um momento de silêncio e, quando recomeçou a falar, a voz de Diogo retomou o tom normal e o brilho dos olhos desapareceu como se fosse referir ou narrar qualquer ocorrência que lhe fosse completamente alheia.

— Deves lembrar-te que aqui há cerca de dois anos houve um grande temporal perto da fronteira e que a intensidade do vento foi tanta que arrancou pela raiz aqueles magníficos eucaliptos que todos nós conhecíamos — talvez os mais belos exemplares que existiam em Portugal — que ladeavam a estrada próximo de Elvas. Tive pena quando li a notícia e alguns meses depois soube por um anúncio que a Câmara estava disposta a vender a madeira das árvores derrubadas a

quem apresentasse a melhor proposta. Era uma ocasião que não queria perder e, no dia seguinte, dirigi-me para lá disposto a cobrir qualquer oferta. A quantia que ofereci foi de tal maneira elevada que os outros pretendentes abandonaram a partida pensando que eu não regulava bem. A verdade, porém, é que quem tinha razão era eu e que aquilo que lhes parecia um disparate resultou num excelente negócio. Mas adiante. Saí da cidade satisfeito comigo num entardecer chuvoso de Novembro. A minha intenção era ir ficar a Estremoz. Como a visibilidade era fraca e a estrada estava escorregadia, seguia a pouca velocidade e já era noite cerrada quando cheguei a uma dessas pequenas terras que a ladeiam. Seriam talvez umas sete horas da tarde e, como me sentia um pouco fatigado e estava a uns trinta quilómetros de Estremoz, parei junto de um café para descansar e tomar um aperitivo. Dentro de pouco mais de meia hora chegaria ao meu destino e não havia nada que me apressasse nem ninguém a esperar por mim. Estive lá cerca de um quarto de hora e quando saí reparei num homem encostado ao umbral da porta que me fixava como se me quisesse falar ou pedir alguma coisa. Olhei também para ele. Era um rapaz alto, de cabelo revoltado, de feições finas e regulares, vestido com um fato modesto e remendado. Mas o que me impressionou desde logo foi o olhar terrivelmente angustiado, como o de uma pessoa que, sob o impulso de um drama interior, está à beira de praticar qualquer desatino. E sem saber porquê, senti que podia fazer qualquer coisa por ele. Mais: que devia fazer alguma coisa por ele. Fixei-o novamente com simpatia porque percebi que me queria pedir um favor (que eu não sabia qual fosse), o que só a sua timidez natural, agravada pelo seu estado de espírito, o impedia de fazer.

»Ele ensaiou dirigir-me a palavra, mas não o consegui e eu resolvi tomar a iniciativa:

«Que deseja?», inquiri.

«Aquele carro é seu?», perguntou por sua vez.

«É», respondi.

«Passa por Estremoz?»

«Não só passo como vou para lá.»

«Era...», e aqui hesitou um momento, «era capaz de me levar? Eu moro lá.»

»Por razões várias, não gosto de dar boleias e muito menos de noite. Nem aconselho a ninguém que o faça. Mas naquele momento nem sequer pensei nisso.

«Com certeza.» E acrescentei para o pôr à vontade: «Tenho até muito gosto.»

»Abri a porta do carro e ele sentou-se ao meu lado, encolhendo-se o mais possível.

«Ponha para baixo essa alavanca da porta. É o fecho de segurança», disse-lhe eu.

»A chuva cessara e fora substituída por um nevoeiro espesso que diminuía ainda mais a visibilidade. Durante dez quilómetros não trocámos uma palavra. Mas de repente tive a nítida percepção de que o melhor que poderia fazer por ele era obrigá-lo a falar.

»No tom mais cordial, perguntei:

«Vive em Estremoz? É mesmo de lá?»

»Sou de lá, sim. Ou antes, fui...» E tremulamente acrescentou: «Hoje já não sei bem de onde sou.» E depois de um silêncio embaraçado murmurou: «Desculpe...»

»Apesar da estranheza da resposta, não me dei por achado. E com uma voz natural retorqui:

«Não tem de que se desculpar porque ninguém sabe bem ao certo de onde é... Eu também não sei.»

»Sentia-me contente comigo mesmo por ter adivinhado que havia ali um mistério a decifrar. Mas não só por isso: por ter compreendido que podia fazer alguma coisa por ele. E não é que eu seja um profissional da consolação. Egoísta como todos os homens e céptico quanto aos benefícios da nossa intervenção na vida dos outros, a maior parte das desgraças alheias deixa-me indiferente. Momentos há, porém, em que uma voz interior me diz que tenho de intervir. É uma espécie de imposição de consciência a que não posso deixar de obedecer. Todos nós temos de reparar o mal que fazemos com um sacrifício qualquer. E todos nós fazemos mal mesmo sem dar por isso. Aquele era um momento desses. Andámos mais alguns quilómetros em silêncio, mas eu não queria que ele se

prolongasse, porque o silêncio é, em certas ocasiões, uma arma terrível e a pior das ofensas. A curiosidade, quando é exercida com desinteresse, também pode sê-lo. Não era porém o caso.

»Com um ar interessado, inquiri:

«O que é que faz? Quer dizer: qual é a sua profissão, isto é, em que trabalha?»

«Sou canteiro, sou canteiro de mármore... Sabe o que é?»

«Julgo que sim...»

«O senhor desculpe mas talvez não saiba. Deve ter a ideia que todos têm: a do homem que talha a pedra para a transformar em blocos regulares. Mas um canteiro não é isso: é um homem que a afeiçoa, que a amolece e abranda com as próprias mãos e que faz surgir a alma oculta que ela tem lá dentro...»

«Mas isso é um artista, uma espécie de escultor...»

»Diminuí mais o andamento do carro e olhei-o de soslaio. Chegara a minha vez de me espantar. A linguagem dele, o brilho dos seus olhos e o tremor das mãos que eu adivinhava, mais do que via, na escuridão quase cerrada, fizeram-me estremecer. Uma ávida vontade de saber o que se passava naquela alma tomou-me inteiramente. Mas não foi preciso interrogar. Eu conseguira, afinal, abrir a porta que dá para o caminho das confidências.

«Sim», continuou ele, «sou um canteiro, uma espécie de artista como o senhor diz. Faço presépios e trago para a luz do dia as imagens que estão na escuridão.» Calou-se bruscamente e depois, erguendo a voz, acrescentou:

«Estou a mentir. Eu já não sou canteiro, nem artista. Fui — o que é diferente... Há mais de um ano que não trabalho.»

«E porquê?»

»A pergunta ficou sem resposta e eu insisti:

«Porquê? Diga... Não arranja trabalho?»

«Não, não é isso. Trabalho não me faltaria se eu quisesse, ou melhor, se eu pudesse... Mas a verdade é que não posso...»

»Estávamos próximos de Estremoz e eu sabia que tinha de aproveitar todos os momentos. Diminuí ainda mais a velo-

cidade do carro, metendo-lhe uma *segunda*, e numa voz ao mesmo tempo enérgica e doce insisti:

«Não pode, porquê? Não se sente com força para isso? Está doente?»

«Não é bem isso... Força tenho. E se estou doente, não é do corpo. É de uma coisa que eu não sei o que é. Ou melhor, que sei o que é mas que não posso sequer confessar a mim mesmo.»

«Não percebo», contestei.

«Ninguém percebe», concordou tristemente. «É que há mais de um ano que não durmo. E quem não dorme não pode trabalhar.»

«Mas ele há médicos para isso. Porque não vai a um médico?»

«Sei que há.» E como quem vence uma terrível resistência interior, acrescentou: «É que, se eu não durmo, não é porque não tenha sono, é porque não quero dormir. Percebe agora?»

«Tínhamos chegado ao arco que atravessa a muralha e dá entrada para a cidade. Estávamos agora no largo e eu senti que as luzes que incidiam sobre nós iam desfazer o sortilégio.»

«Com uma voz que me esforcei por tornar natural, perguntei:

«Onde é que mora?»

«Moro longe ainda. Tem de se sair novamente da cidade, pela estrada que circunda a muralha e entrar outra vez nela. Não quero incomodá-lo mais. Já me fez um grande favor. Deixe-me no fim da praça. Depois vou a pé. São só dois quilómetros.»

«Não senhor», ripostei autoritariamente. «Vou levá-lo mesmo a sua casa. Basta que me indique o caminho.»

«Como queira...»

«Atravessámos a pequena cidade amuralhada cheia de recordações do passado, onde o tempo parece que estagnou e onde, naquele começo de noite chuvosa, não se via viva alma.»

«Agora é para a esquerda», murmurou ele.

«De repente, as casas terminaram e entrámos numa estrada escura como quem mergulha definitivamente no cora-

ção da noite. A sombra do mistério planava sobre nós e senti que a distância que me separava daquele homem ia diminuindo ao ponto de o nosso destino se identificar como se fôssemos um só. Sensação estranha essa, que participava ao mesmo tempo de uma espécie de temor cósmico e de uma euforia transcendente.

»Pensei absurdamente que dependíamos inteiramente um do outro e que era necessário fazer alguma coisa para vencermos o perigo comum que nos ameaçava aos dois.

«A sua casa é muito longe?»

«Daqui a uns centos de metros, há uma rua à esquerda. É a quinta casa à direita. Pode deixar-me no cruzamento.»

»A estrada alargara-se numa espécie de pequeno miradouro e eu encostei o carro e parei.

«Ainda não é aqui», murmurou.

«Eu sei, mas preciso — para bem de ambos — de saber uma coisa.»

»Senti-o estremecer:

«O quê?»

«Disse-me há pouco que não podia dormir, ou antes, que não queria dormir...» E implacavelmente acrescentei: «Porquê?»

»Sem esperar a resposta, prossegui:

«Há quanto tempo é que não quer dormir?»

«Há perto de um ano... Desde que vim de África.»

«De África?...»

«Sim, de Angola. Estive dois anos na guerra, a cumprir o serviço militar.»

«E que tem isso? Não vejo a relação... Têm lá estado tantos e continuam a dormir sossegadamente.»

«O meu caso é diferente. É que a esses não lhes sucedeu o que me sucedeu a mim. Eles podem dormir que ninguém os estorva... Eu não. Se por acaso não resisto ao sono, *ele* aparece logo. E eu prefiro tudo a vê-lo. É pior do que a morte.»

«Ele quem?»

«Ele...» E com um esforço enorme, acrescentou: «Ele... O homem que eu matei...»

«Quem vai a uma guerra — embora a guerra seja sempre uma situação monstruosa — é para matar ou morrer. É o que há de mais natural.»

«É... Mas há matar e matar. Matar em combate, matar em legítima defesa, é uma coisa. É um acto que se pratica sem ódio... Mas matar com rancor, matar pelas nossas próprias mãos como eu fiz, é outra muito diferente... E ele nunca me perdoou. Por isso me aparece quando adormeço e diz sempre as mesmas palavras... E eu não quero ouvi-las.» Levantando a voz, exaltadamente, repetiu: «Não quero ouvi-las, percebe?»

»Ficámos ambos em silêncio e de repente ordenei numa voz que não admitia réplica:

«Conte o que se passou.»

«Contar o que se passou? Para quê? Que lucro eu em contar-lhe ou que lucra o senhor em ouvir?»

«Tudo. Contando, o senhor desabafa e liberta-se. E eu ouvindo-o posso fazer-lhe bem, o que para quem, como eu, tem tantos pecados na consciência é também um benefício.»

»E ao dizer isto era sincero porque sentia que era minha obrigação, depois de ter provocado uma situação daquelas, levá-la até ao fim. Além disso havia uma terrível curiosidade que eu procurava satisfazer.

«Ouça», continuei, sentindo a sua resistência enfraquecer e procurando dar às minhas palavras um tom persuasivo, «o senhor já ouviu falar na confissão?»

«Já, como toda a gente... Quando era pequeno confessava-me. Mas depois deixei-me disso.»

«E se calhar está convencido que a confissão foi criada para os padres penetrarem nas vidas alheias, saberem os segredos dos outros homens e assim poderem dominá-los... A verdade é que algumas vezes — muitas vezes talvez — a razão próxima seja essa. Mas não é a razão principal, nem aquela que lhe deu origem. A confissão serve para libertar a consciência dos homens e para lhes inculcar a convicção de que todos os actos, por piores que sejam, podem ser esquecidos e perdoados... Há um momento em que todos os homens precisam de se confessar. O seu momento chegou. E não é

necessário que seja a um sacerdote, basta que seja a alguém capaz de nos entender e perdoar e de nos ajudar a esquecer. Esse homem agora sou eu. Sinto que criei essa obrigação para consigo... E as obrigações têm de ser cumpridas. Meu pai dizia que os homens se reconhecem pela fé na palavra dada e eu dei essa palavra a mim mesmo. Sou um homem e quero continuar a sê-lo. Percebe agora em que é que me pode ajudar também?»

»Não sei o que me ditou estas palavras, mas sabia que não podia deixar de as proferir. Senti que a resistência dele estava dominada e por isso insisti:

«Conte-me o que se passou, mas conte tudo sem ocultar coisa nenhuma.»

«Bem», disse ele numa voz transtornada, «já que o senhor quer, vou contar.» E depois num tom em que senti uma velada ameaça, acrescentou: «Mas depois não se queixe.»

«Fique tranquilo a esse respeito.»

Diogo Tavares calou-se. O rosto dele assumira um aspecto grave e distante e todos respeitámos o seu silêncio. Havia qualquer coisa de absurdo e de irreal naquela narrativa, mas todos nós queríamos saber o fim. Fantasia ou realidade, não importava, porque a realidade também se improvisa e prolongasse, Antero, o dono da casa, propôs um *whisky*. Todos aceitámos. Só Diogo objectou:

— Por mim, prefiro um copo de vinho branco da tua lava... Diz mais com a minha história — e esforçou-se por sorrir.

Via-se, contudo, que ele estava a tomar a respiração para mergulhar fundo.

Bebemos em silêncio e ninguém se atreveu a incitá-lo. Mas o nosso silêncio era mais ávido do que as palavras.

— Não sei — disse de repente Diogo — o tempo que o homem levou para se resolver a falar. Não o contei pelo relógio, nem em si o tempo importava para nada. O tempo é uma pura ficção. No fundo, não há passado, nem presente, nem futuro. E tanto é assim que, neste momento em que vos falo, o presente para mim é aquilo que se passou há muitos meses.

Sei apenas que, de súbito, o nevoeiro se desfez. O céu tornou-se límpido e um luar de quarto crescente que incidia sobre ele iluminou-lhe as feições. Foi talvez isso que o convenceu porque eu, por mim, esgotara as palavras possíveis.

«Sim, fui para a guerra contrariado», disse ele, «mas não fiz nada para o impedir. E, ao que parece, cumpri o meu dever. Fui com o posto de segundo-sargento, por ter o curso de uma escola industrial. Durante os dois anos que lá estive, nunca saí do mato, excepto umas três vezes que fui a Luanda para acompanhar feridos. Entrei poucas vezes em combate, porque aquilo é uma guerra diferente das outras, em que é preciso tanta paciência como coragem. Para resistir ao tédio, aprendi com os pretos a fazer esculturas em madeira. Mas a madeira não é a mesma coisa que a pedra. É mais fácil de talhar, mas ao mesmo tempo mais teimosa. Esconde como ninguém a alma que lá tem dentro. E se a forçamos, parte-se. Entretanto isso ajudou-me a passar o tempo e a não esquecer de todo a minha arte. Mas adiante. Nós estávamos estacionados perto dos Dembos, numa espécie de campo de concentração rodeado por uma sebe de arame farpado. Dentro do campo havia uma pequena pista que nos servia para sermos reabastecidos e para evacuar os feridos. Entre nós e a floresta que nos rodeava mediavam cem metros em que era preciso queimar o capim quase todas as semanas, porque ele, sobretudo na época das chuvas, crescia implacavelmente. Era uma medida de segurança para não sermos vítimas de um ataque súbito. Do fundo do campo saía uma *picada* de umas três léguas de extensão que nos unia a um posto mais importante. De quinze em quinze dias, alguns de nós tínhamos de a percorrer para entrar em contacto com ele e receber ordens. Havia, é certo, comunicações pela rádio e um telefone de campanha, mas a rádio quase nunca funcionava e o telefone era invariavelmente cortado passados um ou dois dias. Eram viagens de rotina e nelas é que existia verdadeiramente o perigo. Com frequência os pretos minavam o percurso ou faziam emboscadas a coberto do mato. Chamávamos-lhe a 'estrada da morte', mas ninguém se esquivava a ir, porque tudo era preferível a permanecermos ali parados a olhar uns para

os outros. E muitos de nós — e até eu próprio — nos oferecíamos voluntariamente para isso...»

»Calou-se por momentos e eu reparei, à luz do luar, que o seu rosto se contraía num ricto pavoroso.

«Ora», disse ele, «foi numa dessas viagens que tudo aconteceu. Tinha sido escalonado para ir, mas confesso que dessa vez fui contrariado. Alguma coisa me dizia que não devia ir e estive mesmo para alegar doença e para pedir ao meu colega para me substituir, mas não o fiz por escrúpulo. Saímos ao romper da manhã, de um dia seco e claro. Digo manhã, mas a verdade é que em África não há propriamente manhãs nem tardes. O Sol nasce e de repente é logo dia claro. O mesmo se dá ao contrário, quando o Sol se põe. Dez minutos depois é a escuridão completa. E como o que eu sempre mais amei foram as manhãs e as tardes, isso afligia-me. Saímos em dois *jeeps*, um — o que ia à frente — comandado pelo tenente e o de trás por mim. Ao todo, doze homens, seis em cada carro. Já tínhamos percorrido dois terços do caminho e íamos parar para descansar e comer e beber alguma coisa quando o facto se deu. Ouvimos uma rajada de metralhadora e depois uma porção de tiros. Os tiros vinham da esquerda e nós apeámo-nos para nos abrigarmos e ripostar. Com a prática que tínhamos, sabíamos que os pretos só apontam a primeira vez e que depois disso disparam ao acaso. Mas desta vez enganámo-nos. Começaram a disparar também da direita e um tiro atingiu gravemente o tenente e feriu dois soldados do carro da frente. Cabia-me a mim assumir o comando e não hesitei. Fizemos rapidamente um penso aos feridos e eu ordenei ao cabo que conduzia o primeiro grupo que seguisse para a frente, para o outro posto, onde havia um médico e um hospital de campanha relativamente bem montado.

'Vai', ordenei, 'e o mais rapidamente que possas. Eu cá fico para os entreter e para me haver com eles.'

O tenente era muito estimado por nós e estávamos enfiados. O temor que a emboscada nos provocou desaparecera e começámos a disparar rajadas baixas para todos os lados. Os tiros dos pretos eram cada vez mais raros, mas nós continuávamos a disparar porque sabíamos que eles rasteja-

vam como cobras e até que ponto eram traiçoeiros. E de repente os tiros cessaram. Aguardámos uns minutos, sempre a disparar, e depois, como é regra, fomos explorar o terreno. Eles também tinham sido gravemente atingidos, porque de vez em quando encontrávamos rastros e pequenas poças de sangue e aqui e acolá armas e munições que íamos juntando. Corpos, porém, nenhum. Como era seu costume, os pretos levavam os mortos com eles. Depois de recolhermos as armas, íamos já retirar-nos para prosseguir no nosso caminho, quando um soldado deu um grito:

'Meu sargento, venha cá ver...'

Atrás de uma moita, numa cova de terreno, estava um preto, ferido nas duas pernas e num braço. Arquejava e tinha os olhos muito abertos. O soldado tinha a espingarda metralhadora apontada à cabeça do ferido e ia disparar:

'Ah, cão! Vou *limpar-te o sebo...*'

Rapidamente desviei a espingarda e a rajada perdeu-se no ar. Sem perceber, o soldado olhava para mim espantado.

'Então o meu sargento vai perdoar a um bandido destes?'

'Agora não é um bandido. É um homem como outro qualquer... Ajuda-me.'

Tomado de espanto, o soldado ficou imóvel. Não podia compreender que eu procurasse salvar a vida de um homem que ainda há bem pouco tentara matar-nos. E que para isso arriscasse, com aquela demora, a minha vida e a dos outros. Mas, para mim, era uma imposição de consciência... Curvei-me para o levantar. Passei-lhe um braço à volta da cintura e com o outro tentei soerguer-lhe a cabeça. Mas nesse momento senti uma dor terrível. O ferido mordera-me a mão esquerda com tal ferocidade que me arrancou a falangeta do dedo mínimo. O sangue saía aos borbotões e uma cólera invencível tomou-me. Do interior do *dolman*, onde a trazia sempre metida num saquinho, tirei uma sevilhana, que me tinha sido dada por um camarada meu, antes de partir para a Metrópole:

'Fica com isto que ainda te pode valer... A mim salvou-me a vida uma vez...'

Mal ele sabia, ele que era um bom amigo, o mal que me ia fazer. Era uma faca de ponta e mola, curva, com uma lâmina de mais de vinte centímetros. Indiferente à minha dor, abri-a e cravei-a no ferido várias vezes, no peito, na cara, com uma fúria e com um rancor como nunca senti na minha vida... Se ele me tivesse mordido no peito, talvez eu lhe tivesse perdoado. Mas as mãos eram para mim sagradas porque é com elas que eu talho e modelo.

'Basta, meu sargento', disse o soldado ao meu lado. 'Este já está como há-de ir... Eu não lhe dizia? E agora o que precisa é de estancar o sangue. Vou fazer-lhe um penso.'

A minha cólera extinguiu-se, mas não sentia qualquer remorso. E, na verdade, nunca cheguei a senti-lo. Contudo, isto foi o começo de toda a minha desgraça.

'Está bem. Obrigado. E agora vamos.'

'Para trás ou para a frente?', interrogou o soldado.

'Para a frente. Para onde íamos.'

Estive uns dias no hospital e tive mesmo de fazer uma transfusão, de tanto sangue que tinha perdido. E ainda por cima fui condecorado pela minha coragem em combate. Como o meu tempo de sertão estivesse no fim, fui mandado para a retaguarda, para Luanda, onde passei três meses. O meu dedo cicatrizara e como era o dedo mínimo da mão esquerda não prejudicava a minha arte. Depressa esqueci o incidente.

No fim de três meses, regressi à Metrópole e na minha terra — que não é Estremoz, onde vivo, mas uma aldeia do concelho — receberam-me como um herói. Quis recusar a homenagem, mas tive de aceitá-la para não os ofender. De começo passei bem e depressa arranjei trabalho. Precisava de ferrar dinheiro para montar uma oficina própria e trabalhar naquilo que era do meu agrado. Alguma coisa, porém, se transformara em mim. Era como se tivesse a alma vazia e comecei a ter a impressão de que nunca mais podia amar fosse quem fosse ou fosse o que fosse. Para experimentar as mãos, fiz um presépio que foi muito gabado. Mas eu não gostei dele. As figuras tinham todas um aspecto diabólico. Nossa Senhora tinha um ar de maldade, o Menino Jesus sorria cinicamente e um dos três Reis Magos — Baltasar, o Rei Negro — parecia-



-se aflitivamente com o preto que eu matara. Levei-o para casa, para o meu quarto, onde passava horas a olhar para ele. Mas, a certa altura, não pude mais e, com um escopro e um martelo, parti-o aos bocadinhos. E foi na noite do dia em que fiz isso que pela primeira vez a *coisa* se deu. Tinha ido à taberna beber uns copos (o que não era meu hábito) porque de repente me viera aquele desejo. Penso que era para esquecer o presépio porque, no fundo, tinha pena do que fizera. Sem ser vaidoso, pensava que talvez tivesse destruído uma verdadeira obra de arte e isso afligia-me. Regressei a casa um pouco *tocado*, passava da meia-noite. Sem acender a luz para não acordar minha mãe, despi-me e deitei-me. Adormeci profundamente e no meio da noite acordei sobressaltado como se estivesse ali alguém ao pé de mim. Acendi com um fósforo o candeeiro de petróleo. Mas a luz não se espalhava. Via o clarão mas não via os objectos. Era como se a sombra que eu presentia tornasse a escuridão ainda mais negra.

'Estou bêbado', pensei. 'É o que é: estou bêbado.'

Apaguei a luz e voltei a adormecer. No meio da noite senti a mesma impressão, mas não sei se acordei. O que sei é que o vi a ele. De princípio, não lhe distingui as feições, mas depois reconheci-o. Era o preto que eu matei. Curvado para mim, via-lhe o rosto e o peito esfaqueados a gotejarem sangue. Não disse uma palavra mas parecia que os seus olhos me trespassavam. Encolhi-me na cama e quis soltar um grito. Tinha a garganta de tal maneira seca que não pude. E de súbito, mordeu-me a ponta do dedo que me tinha arrancado. Acordei então e vi que estava a nascer o dia. Mas o que é mais estranho é que a ponta do dedo que eu não tinha continuava a doer-me. E desde então para cá — umas vezes mais, outras menos — continua a doer-me a ponta do dedo. O senhor imagina o que isso é: doer-nos uma coisa que não temos? Queixei-me a um médico e ele deu-me uma explicação científica qualquer. Contudo não me aconselhou qualquer remédio. Neste preciso momento em que lhe estou a falar o dedo dói-me terrivelmente. O pior porém não é isso: dores toda a gente tem. O pior é que ele continuou a aparecer-me. Eu tinha ficado convencido que tinha sido um pesadelo provocado

pelo vinho. E no dia seguinte fui deitar-me depois da ceia sem ter bebido uma gota. Mas não me valeu de nada. À mesma hora, ele tornou a aparecer. E isto durou um mês seguido.

Comecei a trabalhar mal, porque já não podia sequer com as ferramentas do ofício.

'Que diabo tens tu?', perguntou-me o patrão, que é, aliás, um bom homem. 'Vai descansar uma semana que eu pago-te à mesma.'

Aceitei constrangido porque via que ele fazia isso por bondade. Mas eu não descansava porque todas as vezes que adormecia o preto aparecia-me. Comecei a ter medo de dormir e, o que é pior, comecei a beber. Fui ter com o patrão e disse-lhe:

'Sr. Alves, continuo doente e não posso trabalhar. Arranje outro canteiro.'

'Tenho pena', disse ele, que me estimava e apreciava o meu trabalho. 'Se é assim, o que hei-de eu fazer? Mas logo que possas volta, que tens sempre o teu lugar guardado.'

Agradei e comecei a viver à custa do dinheiro que minha mãe tinha recebido do meu ordenado enquanto eu estava em África e de que não tinha gasto um tostão. Mas tudo se acaba neste mundo e o dinheiro também se acabou. De há seis meses para cá tenho estado a viver à custa dela, do que ela poupou numa vida inteira de trabalho. Eu fazia o possível para não dormir. Metia a cabeça numa bacia de água e ficava sentado numa cadeira. Mas, todas as vezes que o sono me vencia, ele continuava a aparecer. Quase me habituei à sua presença e um dia consegui vencer o meu terror e falar:

'Diz o que queres', supliquei. 'Diz o que queres.'

'O que quero?', respondeu. 'Tu bem sabes o que eu quero. Quero que me enterres, porque enquanto os meus ossos estiverem sobre a terra e não dentro dela não poderei descansar. E tu também não.'

'E como te hei-de eu enterrar, se estou aqui e tu estás em África? E mesmo que eu lá estivesse, como havia de descobrir o sítio onde tu estás?'

'Não sei. Isso é contigo, não é comigo. Tu é que me maste. Não fui eu que te matei. A não ser que tu me libertes e te libertes de outra maneira.'

Não sei se estava acordado, se a dormir, quando isto se passou, mas penso que estava naquele momento que separa as duas coisas. O que sei é que me agarrei às palavras dele, cheio de esperança:

'Diz o que queres que eu faça, que farei tudo só para me ver livre de ti.'

'Tens a certeza? Prometes?'

'Prometo.'

'Então, repete as palavras que te vou dizer.'

E começou a falar na língua dele, uma língua gutural e cantada, de que não percebi o sentido. Fui repetindo uma por uma as palavras que ele me dizia até que acabou. À maneira que ia repetindo a sua lengalenga, uma sensação estranha que não sei reproduzir apossou-se de mim. Sentia-me liberto, como se estivesse fora do tempo e do espaço. Era como se tivesse esquecido tudo quanto tinha aprendido, para adquirir uma nova forma de saber, e ao mesmo tempo como se tivesse recuado através das gerações até ao começo do mundo.

O tempo que isso durou não sei. Talvez cinco minutos, talvez horas, talvez toda a eternidade...

'Agora', disse ele, 'sei que vais fazer o que eu quero.'

'Faço', concordei eu submissamente.

'O que quero', e riu com os dentes todos, 'o que quero é muito simples. Pega na faca com que me mataste — e que trazes sempre contigo — e mata um irmão do teu sangue.'

Diogo Tavares calou-se, e passado um minuto dirigiu-se aos circunstantes, no silêncio ávido e pesado que se criara à sua volta:

— Confesso, meus amigos, que nesse momento — sem ser medroso e tendo sido eu, afinal, que criara aquela situação, provocando-lhe as confidências e querendo levá-lo a casa — senti um arrepio. Mas imediatamente me recompus. Sabia agora, sabia de ciência certa, que o meu encontro com o canteiro não tinha sido fortuito, não tinha sido aquilo que costuma apelar-se de uma coincidência. Tudo fora preparado cuidadosamente pelo destino. Sabia também que a minha velha ideia de que há sempre uma pessoa desconhecida que está a nosso cargo e pela qual somos responsáveis estava certa.

É isto que justifica o sibilino provérbio popular de que não há homem sem homem. Com esta convicção vinha a certeza de que o meu destino estava indissolúvelmente ligado ao dele e que nos perderíamos ou salvaríamos juntos.

»Foi pois com uma calma absoluta — eu não estava a armar em herói — que lhe perguntei:

«E depois dessa noite, o homem voltou a aparecer-lhe?»

«Sim, todas as vezes que adormeço e diz sempre a mesma coisa, mas di-lo com uma voz cada vez mais forte, furioso por ainda não lhe ter obedecido: 'Mata um irmão do teu sangue e mata-o com a faca com que me mataste a mim.' Quando vim para Portugal tive no barco a intenção de a atirar ao mar, mas só por uma razão: as manchas de sangue que tinham ficado na lâmina, por mais que eu a areasse, nunca de lá saíam. Parecia que ficava limpa, mas, quando a abria por qualquer motivo, elas lá apareciam outra vez, tão nítidas como no dia anterior.»

»Nesta última fase da nossa conversa — disse Diogo Tavares — que estou narrando a seguir, mas que era entremeada de largos silêncios, a sua voz não parecia uma voz humana. Não tinha inflexões nem timbre, era como se não tivesse som. Parecia mais uma conversa de pensamento para pensamento e de uma alma para outra alma.

«É quando foi a última vez que ele lhe apareceu?»

»A resposta foi demorada e em palavras entrecortadas como se cada sílaba valesse por si e fosse uma entidade própria:

«Ontem à noite, pela madrugada...»

«E repetiu a mesma frase?»

«Repetiu, mas disse alguma coisa mais...»

«O quê?»

«A hora está chegada... Ou fazes o que te mando ou já não te poderás salvar...» E o pior é que eu sei que ele estava a dizer a verdade, e que ou o faço ou estou perdido.»

»Depois, a despropósito, acrescentou:

«Porque é que o senhor não me deixou na praça? Porque é que me quis trazer a casa?»

«Porque não abandono ninguém que precisa de mim. E tu [aqui deliberadamente mudei o vocativo] e tu precisas de mim.»

»Não sei o que me inspirou ao proferir estas palavras, mas penso que estavam certas. Não eram contudo ainda as palavras necessárias.

»Senti-o estremecer e, com a mão trémula, procurar no bolso interior do casaco alguma coisa que percebi logo o que era. Por um momento — confesso-o — pensei em agarrar-lhe os braços e até em o agredir com um soco. Mas felizmente não o fiz. Eu sabia que precisava de ir até ao fim para cumprir a minha missão. A vida dele importava-me tanto como a minha e compreendi que, se não salvasse aquele homem, eu próprio estava perdido. Por isso não fiz um gesto. Estava com a mão esquerda agarrada ao volante, o braço direito pendente e assim me deixei ficar. De repente ouvi um estalido:

«A faca é esta.»

»Na semiobscuridade não lhe distinguia as feições, mas olhando para baixo vi a lâmina da faca brilhar, com a ponta quase encostada ao meu peito. Não me mexi sequer, com a certeza de que, se o fizesse, seria certamente o fim. Apelei para toda a minha força interior e percebi que estava calmo, com aquela calma terrível do homem que sente — como vos disse no começo da minha narrativa — que a fronteira entre a vida e a morte se tinha desvanecido completamente. Lembrei-me também de que sou um ser protegido e que, nos momentos mais cruciais da vida, o ser que me protege — e que, à falta de outra designação, eu chamo o meu Anjo-da-Guarda — me aparece disfarçado de qualquer forma ou me inspira o que devo fazer. Confesso que o invoquei e foi ele talvez que me ditou o meu procedimento.

«Sim, vejo a faca. Mas o que eu queria ver eram as manchas de sangue.» E desprendendo a mão esquerda do volante, acendi a luz interior do carro. «Levanta-a um pouco. Mais para cima. Assim não vejo... Estás com a mão a tremer. Dá-me a faca.» E num gesto lento, agarrei-a pelo cabo...

»Da parte dele não houve qualquer resistência e eu examinei-a cuidadosamente. Era uma faca sevilhana, provavelmente dos fins do século XVIII, de ponta e mola, com um cabo de chifre trabalhado. Confesso que não vi qualquer

mancha de sangue nem elas lá existem, mas abstive-me de o dizer. Pelo contrário:

«Sim, elas cá estão. Não há dúvida...»

»Depois puxei pela mola e a faca fechou-se automaticamente.

«Devias tê-la atirado ao mar como pensaste. Todo o mal está nesta faca.»

»Não respondeu e eu continuei: «Como estiveste em África, deves ter ouvido falar em magia negra. Há quem não acredite... Há pessoas que acreditam em tudo e outras que não acreditam em nada. Ambas estão erradas. Tu, o que estás é enfeitado...»

«Mas eu matei um homem...»

«Bem sei... Mas nas circunstâncias em que isso se deu — embora o acto não seja louvável em si — o que tu fizeste tem explicação e qualquer outro o faria... Mas um crime — se crime se lhe pode chamar — não se redime com outro crime... Eu perdoo-te por ele, pelo que fizeste e por aquilo que pensaste fazer.»

»O homem estremeceu.

«Como é que sabe o que eu tencionava fazer?»

»Sem mentir, respondi-lhe:

«Porque ouço os teus pensamentos... Porque entre mim e ti há uma ligação que ninguém pode quebrar. Se o destino me fez vir ao teu encontro por alguma coisa foi...» E de uma maneira peremptória, que não admitia réplica, concluí: «Fico com esta faca. Sem ela, acabou-se o teu *fadário*. O feitiço está quebrado.»

«Como quiser...»

»Senti que o tinha dominado inteiramente e que na verdade lhe quebrara o feitiço.

«Doravante», afirmei com inteira convicção, «vais dormir todas as noites e ele nunca mais te aparecerá.»

«Jura?»

«Juro. E já amanhã vais procurar trabalho. Isto não passou de um sonho mau. Onde é a tua casa?»

«A duzentos metros à esquerda, numa pequena rua, é a quinta casa...»

«Eu acompanho-te.»

«Obrigado.»

»Descemos do carro e eu dei-lhe o braço. À porta, tirei da carteira um cartão meu e entreguei-lho:

«Se puderes, dá-me notícias tuas.»

»Fiquei à espera que ele entrasse em casa e fechasse a porta. Olhei então para o relógio: era meia-noite precisa. Esta cena durara horas e durante este tempo eu fora até ao abismo das trevas e voltara incólume. Uma paz, como nunca senti na minha vida, apossou-se de mim. E de repente lembrei-me que não tinha jantado. Sentia fome. A passo lento dirigi-me para o carro e fui para a cidade à procura de um restaurante ou de uma taberna onde pudesse comer alguma coisa.

Diogo Tavares calou-se e no silêncio sentia-se a respiração opressa de alguns dos circunstantes...

— Uf! — disse um deles. — Eu, se tivesse passado por uma coisa dessas, endoidecia.

— Penso que também eu talvez tenha estado à beira disso... — afirmou Diogo Tavares com humildade. — Mas tinha de ser... E ninguém foge ao seu destino.

— Ouve uma coisa, Diogo — inquiriu Antero, o dono da casa —, e depois disso, soubeste alguma coisa dele? Tiveste notícias?

— Notícias indirectas. Passados três meses, recebi um prépio talhado em mármore. A coisa mais doce e suave que possa imaginar-se. E, circunstância estranha, um dos Reis Magos parece-se comigo. Contudo ele mal me viu as feições. Fiquei então com a certeza de que não tinha perdido o meu tempo e que o meu sacrifício — se assim se lhe pode chamar — não fora em vão.

— Esta é a história mais estranha que tenho ouvido — disse um dos circunstantes. — Confesso-lhe que por várias vezes, enquanto a contava, senti calafrios. — Hesitou um momento e inquiriu: — E a faca? Que é que fez à faca? Deitou-a fora?

— Não. Tenho-a comigo. É agora o meu amuleto.

— Gostava de a ver...

— Tenho-a ali no carro, no porta-luvas. Se a quiser ver, vou buscá-la.

— Não se incomode...

— Não me incomoda nada.

Diogo Tavares levantou-se e, passados alguns minutos, regressava com a navalha:

— Ei-la.

Todos os seus ouvintes pegaram nela, fazendo os seus comentários. E um deles disse:

— Gostava de a abrir, para ver a lâmina.

— Pode abri-la, mas tenha cuidado para não se cortar. A lâmina está afiadíssima. Basta puxar pela argola. Nunca mais a abri depois dessa noite e já lá vai quase um ano...

Ouviu-se um estalido. O homem que a tinha na mão fixava-a como se estivesse hipnotizado. Depois aproximou-a da luz:

— O senhor disse que a lâmina estava limpa?

— Disse.

Todos se aproximaram. Sobre ambas as faces havia — ou parecia haver — manchas de sangue delido. O próprio Diogo Tavares estremeceu:

— É extraordinário... Mas neste mundo nada me espanta.

Com um gesto brusco, fechou a navalha e ficou a olhar para ela longamente.

— Eu, se fosse a ti — disse Antero —, desfazia-me dela de qualquer maneira. Só pode trazer-te desgraça.

— Não me desfaço — contestou Diogo Tavares. — É afinal a minha melhor recordação. Lembra-me aquele momento em que salvei duas vidas... A mim só me pode trazer sorte. Não fui eu que matei o homem. E talvez até lhe tenha libertado a alma...